

**10 - OS FATORES GERADORES DO ADOECIMENTO NO AMBIENTE ESCOLAR****FLEURI CÂNDIDO QUEIROZ<sup>1</sup>;  
GABRIEL CÉSAR DIAS LOPES<sup>2</sup>;**<sup>1</sup>Master in Education (UniLogos, EUA)  
<sup>2</sup>Ed.D, Ph.D (UniLogos, EUA/ABEF BRASIL)

doi: 10.16887/92.a3.10

**ABSTRACT**

This article promotes the factors that generate teacher illness in the school environment. What factors can trigger the teacher's illness throughout his workday? in an attempt to answer this problem, we list the following objectives: to describe the school environment and teaching work, to present the implications of the school environment on the teacher's health, to clarify the physical and emotional illness of the teacher, to specify the main factors that generate the teacher's illness. The methodology used in this work started from a bibliographic survey within a qualitative and descriptive and explanatory conception. Some theorists such as Codo 1993 and 999. Esteve 2006, Hirata 2019, Lira 2013, Tostes 2018. It is possible to say that the teacher is seen as an essential figure for society, he is today a professional who fights for the appreciation and social recognition of his work . Of those who persist in the profession, many already show signs of physical or psychological illness with known diagnoses. It is necessary to rethink and mature this theme in order to seek mediations that alleviate the factors that generate teacher illness.

**Keywords:** School environment; Illness; Health. Teacher; Factors**RESUMEN**

Este artículo promueve los factores que generan la enfermedad docente en el ámbito escolar. ¿Qué factores pueden desencadenar la enfermedad del docente a lo largo de su jornada laboral? en un intento de responder a este problema, enumeramos los siguientes objetivos: describir el ambiente escolar y el trabajo docente, presentar las implicaciones del ambiente escolar en la salud del docente, esclarecer la enfermedad física y emocional del docente, especificar el principales factores que generan la enfermedad del docente. La metodología utilizada en este trabajo partió de un levantamiento bibliográfico dentro de una concepción cualitativa y descriptiva y explicativa. Algunos teóricos como Codo 1993 y 999. Esteve 2006, Hirata 2019, Lira 2013, Tostes 2018. Se puede decir que el docente es visto como una figura esencial para la sociedad, es hoy un profesional que lucha por la valorización y reconocimiento a su trabajo. De los que persisten en la profesión, muchos ya muestran signos de enfermedad física o psicológica con diagnósticos conocidos. Es necesario repensar y madurar este tema para buscar meditaciones que mitiguen los factores que generan la enfermedad docente.

**Palabras-clave:** Ambiente escolar; enfermedad; Salud. Maestro; Factores

## RÉSUMÉ

Cet article fait la promotion des facteurs qui génèrent la maladie des enseignants en milieu scolaire. Quels facteurs peuvent déclencher la maladie de l'enseignant tout au long de sa journée de travail ? pour tenter de répondre à cette problématique, nous énumérons les objectifs suivants : décrire l'environnement scolaire et le travail enseignant, présenter les implications de l'environnement scolaire sur la santé de l'enseignant, clarifier la maladie physique et émotionnelle de l'enseignant, préciser les principaux facteurs qui génèrent la maladie de l'enseignant. La méthodologie utilisée dans ce travail est partie d'une enquête bibliographique dans une conception qualitative et descriptive et explicative. Certains théoriciens tels que Codo 1993 et 1999. Esteve 2006, Hirata 2019, Lira 2013, Tostes 2018. On peut dire que l'enseignant est vu comme une figure essentielle de la société, c'est aujourd'hui un professionnel qui se bat pour l'appréciation et la socialisation. reconnaissance de son travail. Parmi ceux qui persistent dans la profession, beaucoup montrent déjà des signes de maladie physique ou psychologique avec des diagnostics connus. Il est nécessaire de repenser et de mûrir ce thème afin de rechercher des médiations qui atténuent les facteurs qui génèrent la maladie des enseignants.

**Mots-clés:** Milieu scolaire; maladies; Santé. Prof; Les facteurs

## RESUMO

O presente artigo fomenta os fatores geradores do adoecimento do professor no ambiente escolar. Que fatores podem desencadear o adoecimento do professor ao longo de sua jornada de trabalho ? na tentativa responder essa problemática, elencamos os seguintes objetivos :descrever o ambiente escolar e o trabalho docente, apresentar as implicações do ambiente escolar na saúde do professor, esclarecer o adoecimento físico emocional do professor, especificar os principais fatores geradores adoecimento do professor. A metodologia empregada nesse trabalho partiu de um levantamento bibliográfico dentro de uma concepção qualitativa e descritiva e explicativa. Alguns teóricos como Codo 1993 e 1999. Esteve 2006,Hirata 2019,Lira 2013,Tostes 2018. É possível afirmar que o professor é visto como uma figura essencial para a sociedade, é hoje um profissional que luta pela valorização e reconhecimento social do seu trabalho. Daqueles que persistem na profissão, muitos já apresentam sinais de adoecimento físico ou psicológico com diagnósticos conhecidos. É necessário um repensar e amadurecer dessa temática com intuito de buscar mediações que amenizem os fatores geradores do adoecimento docente.

**Palavras-chave:** Ambiente Escolar; Adoecimento; Saúde. Docente; Fatores

## 1 INTRODUÇÃO

A docência é uma das mais antigas ocupações e a figura do professor é anterior à criação das instituições de ensino. A docência e os processos de ensino e aprendizagem vêm se modificando ao longo da institucionalização dos processos de formação profissional, especialmente em função das transformações no mundo do trabalho e da produção, das mudanças culturais e da evolução tecnológica, que repercutiram e repercutem sobre as condições de vida e trabalho dos professores. Muitas vezes as condições de vida do professor podem desencadear o adoecimento ao longo de sua jornada de trabalho. Nesse contexto a questão norteadora desse trabalho ou problemática procura apresentar os fatores geradores desse adoecimento. Os objetivos são: descrever o ambiente escolar e o trabalho docente, apresentar as implicações do ambiente escolar na saúde do professor. esclarecer o

adoecimento físico emocional do professor, especificar os principais fatores geradores do adoecimento do professor.

No contexto de amenização do adoecimento do docente no ambiente escolar, Esteve 2006, contribui afirmando que os gestores educacionais, e gestores trabalhistas é necessário adotar medidas preventivas que interrompam o processo de deterioração da saúde dos professores. Mas qualquer medida que se venha a adotar deve partir da melhoria das condições de trabalho e dos sistemas estatísticos com que operam as inspeções médicas.

Entre as medidas sugeridas estão programas preventivos durante a formação inicial e para os que estão em serviço, além de processos de reabilitação após licenças médicas.

Segundo Moraes 2021, há uma total discrepância entre aquilo que os projetos e programas da área da educação e saúde apregoam sobre as condições materiais e humanas que são disponibilizados nas escolas, exigindo do professor atitudes e ações que estão a cada dia exaurindo suas forças físicas, mentais e emocionais. O quadro da educação em muitos estados e municípios é caótico e o professor configura um dos principais sujeitos que sofrem por essa situação, pois é ele que está ali de frente a uma sala numerosa de alunos.

Neste artigo se discute as questões relativas ao binômio saúde/doença do professor, as implicações do ambiente de trabalho para o agravamento dos casos de doença e como isso repercute a aprendizagem do aluno, fomentando uma discussão sobre a importância do ambiente de trabalho saudável em todos os níveis para a manutenção da saúde e os fatores que geram o adoecimento do professor nesse ambiente.

## 2 METODOLOGIA

Nesse estudo utilizou-se a revisão bibliográfica sistemática, onde foi utilizado artigos, revistas físicas e eletrônicas e livros físicos e eletrônicos, de autores renomados e professores pesquisadores, onde utilizamos vários textos em língua portuguesa entre os anos de 2010 e 2021. As análises dos materiais foram feitas de maneira sistemática a luz do pensamento de Vygotsky e de outros pensadores atuais.

Estas pesquisas tem como meta principal a exposição do tema estudado sobre a leitura prévia de artigos, revistas e livros científicos. Segundo Prodanov e Freitas(2013, p.131) "A revisão da literatura demonstra que o pesquisador está atualizado nas últimas discussões no campo de conhecimento em investigação." Assim, todas as informações coletadas para a produção desse artigo foram feitas a partir de assuntos relacionados ao tema desse texto, utilizando-se a pesquisa qualitativa sistemática.

Nota-se que a pesquisa qualitativa se ocupa em analisar os fenômenos de forma detalhadas.

O estudo possui uma abordagem qualitativa, haja vista que, consoante o pensamento de Yin (2016), a pesquisa qualitativa estuda o significado da vida das pessoas, para isso, cada indivíduo estará realizando suas atividades diárias, de modo que ocorra a mínima interferência possível de agentes não habituais. Com isso, a pesquisa qualitativa interpreta os fatos da vida real das pessoas, as quais vivenciam, não sendo, limitados aos questionários, aos valores pressupostos impostos pelos pesquisadores em suas pesquisas (Yin, 2016).

Esta pesquisa foi feita respeitando todos os princípios metodológicos e éticos.

## 3. O AMBIENTE ESCOLAR E O TRABALHO DOCENTE

Desde a Grécia antiga, a figura do professor já estava posta como uma necessidade. Ao professor cabia a responsabilidade de ajudar os jovens cidadãos gregos livres a compreenderem o mundo e a argumentarem, de forma a se emanciparem pelo conhecimento. A escola era o lugar do ócio, da argumentação e estava destinada apenas à elite. Os ideais atribuídos à profissão docente são históricos e culturais.

Vygotski, 2002, sugere uma análise do trabalho docente que considere as propriedades básicas em conjunto, articuladas, e não em elementos separados para uma posterior associação mecânica e externa. Ou seja, o trabalho do professor há que ser considerado em sua totalidade, desde a sua formação inicial, em serviço e sua natureza, produção e desenvolvimento, somado a isso as condições de trabalho. A tão falada autonomia do professor põe-se à prova diariamente em meio ao bombardeio de especialistas, controle do governo, cobranças enfim.

A ação de ensinar, finalidade do seu trabalho, acaba se perdendo em meio as condições reais que lhe são impostas. Assim o que seria a finalidade do trabalho docente em garantir aos alunos acesso ao conhecimento, ingresso oficial na vida social, através da ação mediadora no processo de apropriação formal da linguagem, dos símbolos e signos da cultura, dando possibilidade de acesso a objetivações como ciência, arte, moral etc. e possibilitando, ao mesmo tempo, a postura crítica do aluno, possibilitando a compreensão e postura crítica em meio ao social. (Duarte, 1999).

O docente, e o ambiente escolar, tem vivido atualmente uma crise de identidade (Oliveira, 2004), não somente quanto ao conteúdo de informações e de conhecimentos, mas também pela competência para gerenciar as crescentes exigências do mundo atual que lhe são impostas. E, assim, os professores têm se apresentado cada vez menos habilitados, com menor eficiência e produtividade, baixando então, sua autoestima. Os professores têm vivido tempos de muita pressão e exigências, sem falar nos atos de violência que tem sofrido dentro e fora da escola.

Entender a docência como experiência implica considerar dois pontos:

[...] a experiência vista como um processo de aprendizagem espontânea que permite ao trabalhador adquirir certezas quanto ao modo de controlar fatos e situações do trabalho que se repetem. [...] Mas também se pode compreender a experiência, não como um processo fundado na repetição de situações e sobre o controle progressivo dos fatos, mas sobre a intensidade e a significação de uma situação vivida por um indivíduo (Tardif, 2005, p. 51).

O trabalho docente se constrói por meio da relação do professor com a escola e, sobretudo, com o aluno. Esta relação se constrói e funciona como um conjunto de fios invisíveis que sustentam um objetivo e “quanto maior o número de fios invisíveis tecidos entre o professor e o aluno, maior a integração deste aluno com a classe” (Tiba, 1996 apud Wagner, 2010, p. 637). Segundo a autora, tais “fios invisíveis” podem ser formados basicamente por três estímulos do professor: aspectos pessoais – simpatia ou capacidade de comunicação, proximidade ao aluno e domínio da matéria.

O respeito e a disciplina advêm desta forma, de uma boa relação entre ambos, construindo-se uma aprendizagem permeada pelo processo de socialização. Já o domínio afetivo tem o poder de orientar e direcionar o processo educativo, de forma a deixá-lo mais equilibrado e eficaz.

Quando a escola é motivo de constante frustração para o docente, as consequências tendem a ser negativas. Ocorrendo a frustração, a impossibilidade de atingir metas ou objetivos pessoais, gera-se o estresse e outros comportamentos negativos como a agressão, a fuga, a esquivia (faltas, absenteísmo, doença), persistência em respostas inoperantes, desvio de atenção e de compromisso, negação do fato, mudanças constantes de plano de ação e de estratégia, falta de adesão ao projeto pedagógico, crítica pela crítica, oposição descabida etc. (Witter, 2002). Dentro dessas condições o “fazer pedagógico”, torna-se um fardo, gerador de muitas doenças psicossomáticas.

O estresse é um estado gerado pela percepção de estímulos que provocam excitação emocional e, ao perturbarem a homeostasia, levam o organismo a disparar um processo de

adaptação caracterizado pelo aumento da secreção de adrenalina, com várias consequências sistêmicas. Alguns enfoques estão voltados para aspectos biológicos e individuais, deixando de lado um ponto bastante importante das causas do estresse, que é a interação do sujeito no ambiente de trabalho, ou melhor, o aspecto coletivo e os fatores sociais e institucionais.

Os professores se veem como responsáveis nesse processo de formação, que vai além da formação acadêmica e inclui a formação do ser humano. Percebem a sua responsabilidade e procuram colocar-se em questão. O professor é, de acordo com Teixeira (1996), um sujeito sociocultural, de múltiplas dimensões e determinações constitutivas e potencializadoras de sua experiência e historicidade. O professor se posiciona em um lugar em que deve ensinar, transmitir conhecimento, apresentar e interrogar o mundo.

O trabalho docente vai além da sala de aula. O professor tem que ser pai, mãe, psicólogo, conselheiro, amigo, assistente social, enfermeiro, etc. Uma sobrecarga de funções, que acaba por atrapalhar o desenvolvimento de sua verdadeira função.

### 3.1 A SAÚDE NO ESPAÇO ESCOLAR

A saúde no espaço e ambiente escolar estar relacionado a uma condição favorável de aprendizagem, palavra espaço é utilizada cotidianamente no âmbito da escola, porém devemos refletir o significado desse espaço como elemento mediador do processo de aprendizagem. É preciso observar que há possibilidades de organização e distribuição do tempo e do espaço para efetivar de maneira significativa a aprendizagem dos alunos. Sobre esse espaço escolar Enguita 2004 afirma:

A escola é uma trama de relações materiais que organizam a experiência cotidiana e pessoal do (a) aluno (a) com a mesma força ou mais que as relações de produção podem organizar as do operário na oficina ou as do pequeno produtor no mercado. (Enguita 2004, p.34)

Não convém aqui desconsiderar a escola como estrutura, que tem um papel fundamental na sociedade. A escola se configura como um espaço de produção e reprodução de saberes, que caracteriza os discursos que são incorporados nas relações humanas e refletidos na própria sociedade, marcando o que é aprendizagem própria da escola e o que vem da sociedade e que precisará ser reelaborada e definidas Baquero,1998, salienta:

A aprendizagem escolar define um sistema de trabalho particular que regula o uso dos próprios instrumentos mediadores que funcionam como conteúdo ou vínculos do ensino. [...] se aprende e se interioriza o domínio de um instrumento de mediação com sua estrutura intrínseca e com sua modalidade e sistema de uso escola.A aprendizagem escolar consiste, portanto, não apenas no domínio dos instrumentos ou sistemas conceituais, de procedimentos de seu uso em abstrato, como também sua recontextualização no cenário escolar [...] (Baquero,1998, p.83).

Portanto, olhar o espaço escolar como mediador no processo de aprendizagem e problematizar uma ressignificação, implica em discutir práticas e também revela os aportes teóricos pelos quais uma organização escolar se fundamenta, perpassando também pela saúde do professor analisando de que maneira esse ambiente influencia o processo de ensino e aprendizagem.

Ressaltando a importância do espaço (ambiente) adequado para professores e alunos, Gandini (1999, p.150) diz que: “o espaço reflete a cultura das pessoas que nele vivem de muitas formas e, em um exame cuidadoso, revela até mesmo as camadas distintas dessa influência cultural”.

Ainda que não seja a figura central do processo de ensino, o ambiente precisa estar disposto e agradável para ambos. Sobre isso Oliveira (2004, p.158) ressalta:

O ambiente, com ou sem o conhecimento do educador, envia mensagens e, os que aprendem, respondem a elas. A influência do meio através da interação possibilitada por seus elementos é contínua e penetrante. As crianças e ou os usuários dos espaços são os verdadeiros protagonistas da sua aprendizagem, na vivência ativa com outras pessoas e objetos, que possibilita descobertas pessoais num espaço onde será realizado um trabalho individualmente ou em pequenos grupos.

A criança e o adulto trazem em si marcas de sua própria história - os aspectos pessoais que passaram por processos internos de transformação -, assim como marcas da história acumulada no tempo dos grupos sociais com quem partilham e vivenciam o mundo. Assim, o indivíduo transforma-se de criança em adulto processando internamente, por meio de seu livre-arbítrio, as diversas visões de mundo com as quais convive.

Existe uma história que precede cada situação de aprendizagem. O aluno ao entrar na escola já possui uma aritmética ou uma geometria não sendo, portanto, uma tabula rasa sobre a qual o professor e o ensino deixarão a sua marca (Martins, 1997). O aluno é produto do meio, bem como o professor, que sofre influências que vão refletir de modo positivo ou negativo no processo de ensino e aprendizagem.

Piaget (apud Kramer, 2000, p. 29) salienta:

O desenvolvimento resulta de combinações entre aquilo que o organismo traz e as circunstâncias oferecidas pelo meio [...] e que os esquemas de assimilação vão se modificando progressivamente, considerando os estágios de desenvolvimento.

Todo ser humano carrega desde sua concepção conhecimentos e através da interação com o meio vai desenvolvendo estes conhecimentos.

Piaget considera a interação indivíduo / meio apenas sem considerar as interações entre as crianças e suas diferentes culturas. Vygotsky já enfatiza a troca de conhecimentos que ocorrem através das interações entre indivíduo / meio/ indivíduo.

Os espaços devem ser organizados de forma a desafiar o aluno nos campos: cognitivo, social e motor. Porém nem sempre essa organização é possível, pois a estrutura física da escola não permite. Neto et al (2000), que associa as queixas de saúde com os fatores: salas inadequadas, trabalho repetitivo, exposição ao pó de giz, ambiente de trabalho estressante, ritmo acelerado de trabalho, falta de materiais e equipamentos e posição de trabalho incômoda; e Zaragoza (1999) que aponta o absenteísmo docente como um mecanismo de defesa usado pelos professores, para escapar da tensão e do estresse.

A maioria das escolas são pequenas e em péssimas condições, onde faltam material didático, biblioteca, alguns profissionais específicos, acessibilidade e sala de professor. Contradizendo essas necessidades, Carvalho & Rubiano (2001, p.111) dizem que: “a variação da estimulação deve ser procurada em todos os sentidos: cores e formas; músicas e vozes; aromas e flores e de alimentos sendo feitos; oportunidades para provar diferentes sabores”.

Para Vygotsky, 2002. p.34: “o ser humano cresce num ambiente social e a interação com outras pessoas é essencial ao seu desenvolvimento”. Portanto, um ambiente estimulante para o aluno é aquele em que ele se sente seguro e ao mesmo tempo desafiado, onde ele sinta o prazer de pertencer a aquele ambiente e se identifique com o mesmo e principalmente um ambiente em que ele possa estabelecer relações entre os pares.

Um ambiente que permite que o professor perceba a maneira como o aluno transpõe a sua realidade, seus anseios, suas fantasias. O que nem sempre é possível, pois o professor

assume várias funções ao mesmo tempo, sendo professor, psicólogo, pai, mãe, etc. assume em seu papel, função que antes era atribuído à família, causando assim, uma sobrecarga em sua função

### 3.2 O ADOECIMENTO FÍSICO E EMOCIONAL DO PROFESSOR

Para se entender o processo de adoecimento do professor é necessário compreendermos o que é doença física e o que é doença emocional. Doenças físicas são aquelas enfermidades que atacam o corpo, o físico, são as chamadas doenças psicossomáticas.

O corpo realmente está em sofrimento, com dores, feridas, descontroles e descompensações orgânicas, que inclusive são até dificilmente controladas com medicamentos e os recursos da medicina tradicional.

As doenças psicossomáticas podem se manifestar em diversos sistemas que constituem nosso corpo como, por exemplo: gastrointestinal (úlceras, gastrite, retocolite); respiratório (asma, bronquite); cardiovascular (hipertensão, taquicardia, angina); dermatológico (vitiligo, psoríase, dermatite, herpes, urticária, eczema); endócrino e metabólico (diabetes); nervoso (enxaqueca, vertigens); das articulações (artrite, artrose, tendinite, reumatismos).

São chamadas de emocionais aquelas doenças onde a influência das emoções para o seu surgimento e agravamento é cientificamente comprovada. Entre elas estão a psoríase, lúpus e as moléstias classificadas como autoimunes. No entanto vem aumentando o número de pesquisas que comprovam que as emoções têm forte relação com o surgimento, agravo e até mesmo cura de praticamente todos os adoecimentos.

Doenças emocionais são as dores e reações físicas vindas da mente. Não é de hoje que a ciência busca explicações psíquicas para as doenças, e já comprovou que muitos sintomas do corpo nascem de dores da alma. A maior dificuldade é aceitar que as vezes a doença não possui um agente físico para atestar os sintomas.

Uma série de problemas físicos é desencadeada quando problemas psicológicos alteram a sintonia entre o cérebro e os sistemas do nosso organismo. Por exemplo, a depressão pode inibir o sistema imunológico, tornando a pessoa mais suscetível a determinadas infecções; o estresse emocional afeta o corpo, causando ansiedade que ativa o sistema nervoso e os hormônios, os quais aumentam a frequência cardíaca, a pressão arterial e a sudorese. Outros problemas que colaboram para um adoecimento do docente estar relacionado as jornadas de trabalho, e a falta da significação do docente, nesse contexto Tavares afirma:

Geralmente as jornadas de trabalho dos professores são longas, com raras pausas de descanso e/ou refeições breves e em lugares desconfortáveis. O ritmo intenso e variável, com início muito cedo pela manhã, podendo ser estendido até à noite em função de dupla ou tripla jornada de trabalho. No corre-corre os horários são desrespeitados, perdem-se horas de sono alimenta-se mal, e não há tempo para o lazer. São exigidos níveis de atenção e concentração para a realização das tarefas. Quando o trabalho é desprovido de significação, não é reconhecido ou é uma fonte de ameaças à integridade física e/ou psíquica acaba por determinar sofrimento ao professor. (Tavares et al,2007, p.19)

Tais problemas apresentados pelo autor contribui para elevado níveis de estresse com que se defrontam professores e é uma realidade presente nas escolas que merecem atenção, pelas consequências em sua saúde, no desempenho de seu trabalho, nas relações com os

alunos, consigo e com o mundo. O professor precisa ser visto de forma integral, isto é, do cognitivo e do emocional, sem a dicotomia mente/corpo.

Ao longo de sua carreira profissional o professor pode desenvolver várias doenças que podem ser de cunho físico ou emocional e geralmente estão interligadas. Dentre essas podemos destacar o stress, a depressão, pressão alta, problemas relacionados a voz, LER (lesão por esforço repetitivo), DORT (Distúrbio osteo muscular relacionado ao trabalho) e Burnout. As doenças citadas em sua maioria são silenciosas com sintomas parecidos.

O mal-estar, por exemplo, leva ao estresse e ao esgotamento que somados à acumulação de exigências sobre o professor devido às transformações do seu trabalho profissional, desencadeiam o que se denominou de *burnout*. Codo (2006) a partir de estudos na literatura internacional ressalta que não existe uma única definição sobre *burnout*, mas conceitos que convergem para a ideia de que seria uma resposta ao estresse laboral crônico, porém não deve ser confundido com ele.

Dos sintomas, serão destacadas agora as principais consequências do mal-estar docente apontadas na pesquisa realizada por Zaragoza (1999, p.45), apresentadas em ordem decrescente com respeito ao número de professores afetados:

1. Sentimentos de desconcerto e insatisfação ante os problemas reais da prática do magistério, em franca contradição com a imagem ideal do mesmo que os professores gostariam de realizar.
2. Desenvolvimento de esquemas de inibição, como forma de cortar a implicação pessoal do trabalho realizado.
3. Pedidos de transferência como forma de fugir de situações conflitivas.
4. Desejo manifesto de abandonar a docência (realizado ou não).
5. Absenteísmo trabalhista como mecanismo para cortar a tensão acumulada.
6. Esgotamento. Cansaço físico permanente.
7. Ansiedade como traço ou ansiedade de expectativa.
8. Estresse.
9. Depreciação do ego. Autoculpabilização ante a incapacidade para melhorar o ensino.
10. Ansiedade como estado permanente, associada como causa-efeito a diversos diagnósticos de doença mental.
11. Neuroses reativas.
12. Depressões.

É possível, portanto, compreender a urgência de desenvolvimento de projetos voltados à importância do trabalho e da figura do professor, o que justifica o investimento em propostas que atendam não apenas a formação pedagógica do professor, mas também o cuidado com sua saúde emocional. “As licenças-saúde ocultam um problema profissional desconhecido que é importante retirar da sombra.

Esteve, 2006, numera doze indicadores básicos para resumir as mudanças ocorridas na área da educação. São eles:

Aumento das exigências em relação ao professor, Inibição educativa de outros agentes de socialização; Desenvolvimento de fontes de informação alternativas à escola; Ruptura do consenso social sobre a educação; Aumento das contradições no exercício da docência; Mudança de expectativa em relação ao sistema educativo; Modificação do apoio da sociedade ao sistema educativo; Menor valorização social do professor; Mudança dos conteúdos curriculares; Escassez de Recursos Materiais e



Deficientes condições de trabalho; Mudanças na relação professor-aluno; Fragmentação do trabalho do professor.(Esteve,2006, p.100).

O mesmo autor ainda acrescenta um outro indicador importante; o salário, Esteves assevera que se não se promoverem, em termos de salários, os professores que se encontram efetivamente no ensino e se não se melhorar a sua imagem social, a batalha das reformas dos sistemas de ensino ocidentais será perdida por um exército desmoralizado. É necessário um olhar mais afetuoso para a figura do professor, profissional que, sendo humano, trabalha para formar um outro ser humano, não só em sua essência profissional, mas também como um ser moral e social.

Para Libâneo (2000, p. 28) uma nova escola conseqüentemente exige das docentes novas atitudes, que envolvem desde entender que o ensino é mediação e a aprendizagem do aluno é ativa; interiorizar a prática interdisciplinar; aprender a aprender e traduzir isso com novas estratégias de ensino; reforçar a atitude crítico-reflexiva dos alunos; desenvolver capacidades de comunicação e interação; reconhecer o papel das TICs e aprender a utiliza-las, estar atento à diversidade e multirreferências, à ética e à afetividade, atualizar-se constantemente, apoiando o processo de formação continuada na escola.

Atenção, cuidado, carinho, reconhecimento, respeito com a profissão docente significam também valorizar o professor e a pessoa. Ao proteger os profissionais da educação usando medidas preventivas, busca-se também melhorar a qualidade de ensino e reabilitar a esperança no futuro, investindo principalmente no presente.

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÕES SOBRE OS FATORES GERADORES DE ADOECIMENTO DOCENTE NO AMBIENTE ESCOLAR

### 4.1 A DESVALORIZAÇÃO PROFISSIONAL

O sistema educacional brasileiro, apesar de ainda estar centrado na quantidade em vez da qualidade de ensino, o coloca numa situação longe do ideal. Certamente, percebemos que existem inúmeros fatores que contribuem para com esta situação, ou seja, de diversas naturezas, dentre as quais: estruturais, pedagógicas, financeiras, sociais, culturais, etc.

Contudo, frequentemente acompanhamos pelas mídias, em especial relatos de renomados pesquisadores no assunto, de que um dos principais problemas está no corpo docente, quer seja por não terem formação superior na área em que atua, quer seja por não ter a vocação ou amor ao ofício, quer mesmo devido a formação inicial que já fora considerada insuficiente para dar conta de ensinar os preceitos inerentes a sua disciplina ou porque muitas vezes acabam por não buscarem a capacitação, o que torna seus conhecimentos e métodos de trabalho obsoletos, ultrapassados e cria um distanciamento cada vez maior entre ele (professor) e o aluno. Sobre este assunto, concordamos com o autor quando apresenta que:

O profissional docente passa por um processo doloroso, relegando sua condição de trabalho a um plano escondido, recalçado e silencioso. Vivemos num tempo de enormes exigências de atualização, onde, com a implantação da tecnologia, supostamente diminuiremos o trabalho e teremos tempo livre, entendendo o tempo livre como: tempo livre do trabalho. Não tempo livre para exercer outra função ou ocupação que não a docente. (Moraes Criz, 2021,p.36).

A desvalorização profissional é tão aparente que em seu tempo livre, o professor exerce outra função para complementar seu salário. Isto revela que o professor é produto do meio, que ele traz consigo suas cargas, preocupações e ansiedades, que são complementadas pelas pressões do ambiente de trabalho e não apenas pelas condições de trabalho que lhes são impostas.

#### 4.2 AS CONDIÇÕES DE TRABALHO

As condições de trabalho, excesso de tarefas, pressão por qualificação profissional, falta de apoio institucional, entre outras, seria a causa de muitos sofrimentos, doenças psíquicas e físicas que acomete os docentes hoje. É exigido destes profissionais que ofereçam qualidade de ensino, dentro de um sistema de massa, ainda baseado na competitividade, entretanto os recursos materiais e humanos são cada vez mais precarizados, tem baixos salários, há um aumento das funções dos professores contribuindo para um esgotamento e uma contradição quanto à formação que é oferecida.

Conforme Heckert et al (2007), muitas reformas que ocorrem no país sob a alcunha de salvadoras e modernizadoras, mesmo em resposta pra enfrentar as demandas contemporâneas principalmente dos índices de fracasso escolar, esbarram nos problemas infra estruturais das escolas que temos.

Porém, o que se vê nessas reformas são leis que vão na contramão dos interesses da classe trabalhadora e da própria sociedade, o que aumenta a pressão e a angústia dos professores. São problemas disfarçados de soluções. O nível de tolerância às situações de ambiguidade é um dos sinais de estresse em docentes e em outros trabalhadores do setor de serviços implicando em uma crise docente, Heckert afirma:

(...) A solução da crise atual implicaria, então a otimização dos recursos, o estabelecimento de uma nova racionalidade gerencial dos sistemas públicos de ensino e a criatividade, esforço e iniciativa dos profissionais, dos alunos e de suas famílias (Heckert et al, 2007, p. 124).

Uma outra questão destacada pelos especialistas é a falta de reconhecimento social e profissional, o julgamento, a responsabilização do professor pelo fracasso da educação por parte dos pais e pelo próprio sistema, funcionam negativamente no emocional do professor que, por conta desse mesmo sistema sente-se impotente para questionar, argumentar sobre aspectos do trabalho que ele acaba apenas executando sob ordens.

Esteve (2006), destaca que além da inibição inicial, quando a situação se prolonga, o professor acaba se acomodando à rotina e aos poucos perde as características principais do bom professor, a dedicação e esperança de mudanças via educação. O estresse, (tema tratado em outro artigo nosso), aparece como grande associado ao adoecimento conforme pesquisas realizadas nos últimos anos, muito embora seja ressaltado que seus efeitos variam de pessoa para pessoa.

Conforme Zagury (2006), para alguns a conflito interior entre o que precisa ser destinado ao aluno (protagonista da aprendizagem) e a sua situação pessoal, profissional, por vezes fracassada, acelera o processo de adoecimento e acaba minando todo o trabalho do professor, construído em sua história de vida.

Zagury (2006) demonstra que o professor se tornou refém do ensino, do tempo, das pressões que sofre, da própria sociedade e muitas vezes dos próprios colegas com quem trabalha. O saber construído ao longo do processo de formação profissional do professor é confrontado com a realidade do trabalho de ser responsável pela educação com superlotadas para ministrar aulas durante todo o ano letivo.

De uma forma geral, o professor recorre a esforços extras para atualizar conhecimentos e instrumentalizar-se em novas tecnologias didático-pedagógicas, cumprindo

uma jornada de trabalho que extrapola em horas semanais a jornada prevista em seu contrato de trabalho.

O trabalho docente requer habilidades intelectuais, mas não está isento de habilidades físicas.

#### 4.3 AS CONDIÇÕES FÍSICAS E PSICOLÓGICAS

A realização das atividades, intra ou extraclasse exige do professor condições físicas e psicológicas, pois as atividades envolvem esforço físico (necessidade de força e resistência muscular para a busca de informações atualizadas, transporte de livros e materiais e ficar sentado ou em pé por tempo prolongado escrevendo ou desenhando – o que envolve gasto energético/calórico e alterações fisiológicas) e esforço mental (para as exigências cognitivas e psíquicas). Este processo de desgaste pode levar à completa exaustão da energia física e/ou mental, fazendo com que o profissional abandone seu trabalho, não por não mais desejá-lo, mas por sentir-se incapaz de realizá-lo, por perder a identificação que mantinha com a atividade. (Moraes Criz, 2021).

Decorre que professores de todas as partes do mundo tiveram que se adaptar às características evolutivas dos processos de trabalho na docência, ainda que, na maioria das vezes, não se tenha evoluído necessariamente na melhoria das condições objetivas neste tipo de exercício profissional. (Esteve, 2006)

De acordo com Codo, Sampaio e Hitomi (1993, p. 59) “Tentar compreender o homem sem considerar o trabalho é tentar compreender o homem, apesar de sua vida”. Os mesmos autores acrescentam que: “o homem produz sua própria existência na medida em que trabalha, arquitetando a estrutura social com suas próprias mãos, a mesma estrutura que lhe servirá de habitat; o homem é o meio ambiente do homem”.

O mundo do trabalho e da produção, cada vez mais competitivo no campo da economia e da participação social e política, imprime mudanças nas relações de compromisso, nos contratos e nos valores sociais, deixando marcas indelévels na vida das pessoas, que se esforçam para desenvolver capacidades de enfrentamento, de esquiva ou de controles constantes sobre os processos de manutenção da saúde física e psicológica.

Esteve (2006) reforça que, as condições de trabalho constituem um dos fatores principais do mal-estar docente. Tais condições afetam a saúde física e mental dos professores levando-os ao absenteísmo e, às vezes, ao abandono da profissão.

Codo (1999) observa que o processo de desgaste e a consequente dificuldade em relacionar-se afetivamente com o usuário transformam o perfil eufórico, característico do início da carreira docente, em depressivo. Começa aí, o processo de adoecimento do professor, que luta para ter boas condições de trabalho, que inicia o ano letivo cheio de motivação e chega ao final desse mesmo ano cansado e sem vontade.

No trabalho do professor, um elemento que tem sido apontado como fonte de desgaste é a relação direta e constante estabelecida com os alunos. Codo (1999) considera que o cuidado – relação entre dois seres humanos cuja ação de um resulta no bem-estar do outro – é inerente à relação de ensino e aprendizagem. Assim, no campo educativo, não há como separar trabalho e afetividade. Ele acredita que para o educador, o produto de seu trabalho é o outro, ou seja, o aluno, e os meios de trabalho é ele mesmo.

#### 4.4 DESVALORIZAÇÃO SALARIAL

Acrescido dos fatores anteriores citados que geram o adoecimento no ambiente escolar, podemos citar ainda um fator predominante; a desvalorização salarial, isto porque num contexto do trabalho docente, o circuito afetivo nunca se completa: o indivíduo investe no objeto sua energia afetiva, mas esta, ao invés de retornar ao seu ponto de partida, dissipa-se

frente aos fatores mediadores da relação, como por exemplo, o salário e as regras estabelecidas para a execução da atividade.

Neste sentido, não se trata aqui de levarmos nossa reflexão para um comparativo entre salários recebidos pelo profissional docente e aqueles que exercem outras profissões, ainda que com o mesmo nível de ensino, concordando com alguns autores que estudaram este assunto, como Hirata e seus colaboradores (2019), pois estes concluíram em seus estudos que fazer um comparativo do salário dos professores com outros profissionais terá que ser feito com muita cautela, uma vez que existem características peculiares inerentes ao trabalho de cada profissão:

Comparar salários de docentes com os de outras ocupações é problemático, por várias razões: a forma de contratação por turnos, a diferença entre horas contratadas e horas docentes, a quantidade de dias efetivamente trabalhados por ano, a definição do que seja o trabalho real – por exemplo, tempo de estudo, planejamento, correção de deveres escolares ou outras atividades na escola. Também entram na equação as características do trabalho, especialmente a aposentadoria especial, a duração do ano letivo e o número de horas por dia fora de casa. Ademais, comparações, levando em conta o salário-hora, semanal ou anual, certamente resultam em conclusões diferentes (Hirata et al, 2019, p. 189).

Na citação de Hirata, podemos afirmar pois somos sabedores que o fator salarial estar relacionado também a qualidade de vida docente, pois precisamos ter condições financeiras para o viver diário, saúde, moradia, vestimentas, alimentos, remédios, lazer e outros.

Ouvimos relatos de inúmeros especialistas no assunto, e parafraseando Lira (2013), de ser notório, de que o trabalho docente vem sofrendo ao longo do tempo, diferentes ataques em sua estrutura, provocando profundas mudanças para a categoria, sob a ótica da política neoliberal, pautada no controle de qualidade e reestruturação produtiva, assimilado para dentro dos estados, obrigando os docentes a desempenharem outras funções diferentes daquelas que vão muito além do ato de ensinar. Ideia também corroborada por Tostes et al (2018):

(...) somam o aumento dos contratos temporários e a perda de garantias trabalhistas; falta de preparo durante a formação; dificuldades na relação com alunos e pais, diante das fragilidades da escola; exigência de adoção de uma pedagogia que não corresponde ao modelo de escola instituído; cumprimento de várias jornadas em diferentes escolas, sobrecarga advinda da assunção de tarefas como preenchimento de relatórios, cálculo de notas e anotações de frequência. Ao lado disso, aprofunda-se a cobrança sobre os professores diante do aparente fracasso da escola, ocultando a contradição por eles sofrida através da exigência de qualidade em um ensino que atendendo a um sistema de massa, com alta competitividade e recursos precários, em uma conjuntura na qual a escolaridade não é garantia de emprego (Tostes, 2018. p. 89).

Ainda de acordo com Tostes e seus colaboradores (2018), quando os docentes adotam essa excessiva carga horária de trabalho, acabam se desmotivando e por que não dizer enfraquecendo sua atuação como professor, ou seja, materializando o agravamento contínuo das condições de seu trabalho gerando, portanto, a gradativa desvalorização da profissão perante a sociedade e assim por final, dificultando, segundo nossa análise, a comparação com

outras profissões. Completando o argumento dos mesmos autores, a “desvalorização do trabalho do professor se traduz pelo desrespeito por parte dos alunos, baixos salários, carga de trabalho exaustiva, alto número de alunos por classe e pressão por metas de produtividade, fatores responsáveis pelo intenso sofrimento docente” (Tostes et al, 2018, p. 89)

## 5 CONCLUSÕES

Os fatores geradores do adoecimento do professor no ambiente escolar, apresenta um panorama da saúde do docente, bem como os aspectos relevantes para o entendimento desse adoecimento que tem se generalizado, abordando questões relativas à proletarização e desvalorização do professor, como fatores geradores principais do caos da saúde do professor potencializada no ambiente de trabalho e a implicação destes para o aprendizado do aluno.

Diante do exposto, é urgente que cientistas, pesquisadores e gestores da área da educação repense o ambiente escolar, no sentido de fomentar ações, cognitivas, afetivas, sociais e culturais que se voltem para às necessidades do professor.

O ambiente escolar deve ser confortável, agradável e prazeroso para todos os atores da educação, inclusive o professor, peça fundamental da escola. Pensar o ambiente escolar é, portanto, compreender as questões físicos-materiais como os elementos de cor, texturas, piso, altura de janelas, altura das maçanetas das portas, os móveis, a louça do banheiro (torneira, cuba, vaso sanitário, porta toalhas, entre outros).

Repensar o ambiente escolar é favorecer encontros sociais, oficinas e encontros de auto ajuda e descontração. Repensar um ambiente escolar é favorecer a prática e a qualidade da vida docente e buscar por melhorias salariais e carga horaria justas, respeitando as leis, o sindicato o tempo de serviço do professor, sua jornada e seus direitos de redução de jornadas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Baquero, 1998 R. Vygotsky e a aprendizagem escolar. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Carvalho, Maria Campos de; Rubiano, Márcia R. Bonagamba. 200. *Organização dos Espaços em Instituições Pré-Escolares*. In: OLIVEIRA, Zilma Moraes. (Org.) Educação Infantil: muitos olhares. 5. ed. São Paulo: Cortez.
- Codo W, José Jackson Sampaio, Alberto Haruyoshi Hitomi. 1993. *Indivíduo, trabalho e sofrimento uma abordagem interdisciplinar*. Publicação Petrópolis, RJ: Vozes.
- Codo, W. (2006). *Por uma psicologia do trabalho: Ensaio recolhidos*. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.
- Codo, W. (coord). 1999 *Educação: carinho e trabalho*. Rio de Janeiro: Vozes.
- Duarte, N. 1999. *A individualidade para-si: contribuição a uma teoria histórico-social da formação do indivíduo*. 2ª ed. Campinas: Autores Associados.
- Enguita, Mariano F. 2004. *Educar em tempos incertos*. Porto Alegre, Artmed.
- Esteve, J. M. 2006. *Mal-estar docente: a sala de aula e a saúde dos professores*. São Paulo: Edusc.
- Gandini, Lella. 1999. *Espaços Educacionais e de Envolvimento Pessoal*. In: edwards, Carolyn;. Porto Alegre: Artes Médicas Sul Ltda.
- Heckert ALC. 2007. *Escuta como cuidado: o que se passa nos processos de formação e de escuta?* In: Pinheiro R, Mattos RA, organizadores. Razões públicas para a integralidade em saúde: o cuidado como valor. Rio de Janeiro: CEPESC.
- Hirata, Guilherme; Oliveira, João Batista Araújo e; Mereb, Talita de Moraes. 2019. *Professores: quem são, onde trabalham, quanto ganham*. Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação. Rio de Janeiro, v. 27, n. 102..
- Kramer, Sônia. 2000. *Com a pre-escola nas mãos*, São Paulo: Ática,

Libâneo, José Carlos. 2000. *Organização e gestão da escola: teoria e prática*. Goiânia: Editora Alternativa.

Lira, Ildo Salvino de. 2013. *A desvalorização do trabalhador docente brasileiro: o que dizem os documentos oficiais?* Revista Profissão Docente. Uberaba, v. 13, n.29.

Martins, João Carlos. Vygotsky 1997. *E o papel das interações sociais na sala de aula: reconhecer e desvendar o mundo*. FDE. Série Idéias n. 28, São Paulo.

Moraes Criz et al. 2021. *SALUD DOCENTE, CONDICIONES Y CARGA DE TRABAJO*. Disponível em [https://www.academia.edu/27991122/Sa%C3%BAdede\\_Docente\\_condi%C3%A7%C3%B5es\\_e\\_carga\\_de\\_trabalho](https://www.academia.edu/27991122/Sa%C3%BAdede_Docente_condi%C3%A7%C3%B5es_e_carga_de_trabalho).

Neto, A. M. (Orgs.). 2000. *Condições Trabalho e Saúde dos Professores da Rede Particular de Ensino*. Sindicato dos Professores no Estado da Bahia/ Universidade Federal da Bahia/ Confederação Nacional dos Trabalhadores em Estabelecimentos de Ensino.

Oliveira, Zilma de M. 2004. Ramos. *A criança e seu desenvolvimento. Perspectiva para se discutir a educação infantil*. 3. ed. São Paulo: Cortez.

Prodanov, Cleber Cristiano. 2013. *Metodologia do trabalho científico [recurso eletrônico] : métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico* 2. ed. – Novo Hamburgo: Feevale.

Rego, Teresa C. Vygotsky. 2002. *Uma perspectiva histórico-cultural da educação*. 13. ed. Petrópolis: Vozes.

Tardif, M. 2005. *Saberes docentes e formação profissional*. (3. ed.) Petrópolis: Vozes.

Tavares, E.D.; Alves, F.A.; Garbin, L S.; Silvestre, M.L.C.; Pacheco, R.D. 2021. *Projeto de qualidade de vida: combate ao estresse do professor*. [S.l.: s.n], 2007. Disponível em: <[http://www.unicamp.br/fef/espec/hotsite/gqve/TCC\\_GustavoElmaLuciaCi.madon.pdf](http://www.unicamp.br/fef/espec/hotsite/gqve/TCC_GustavoElmaLuciaCi.madon.pdf)>.

Teixeira, I. A. C. 1996. *Os professores como sujeitos socioculturais*. In: Dayreel, Juarez (Org.). *Múltiplos olhares sobre educação e cultura*. Belo Horizonte: Editora da UFMG.

Tostes, Maiza Vaz et al. **Sofrimento mental de professores do ensino público**. *Saúde debate*, Rio de Janeiro, v. 42, n. 116, p. 87-99, jan. 2018.

Wagner, Adriana et al. 2010. *O resgate da relação professor aluno*. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/face/ojs/index.php/faced/article/viewFile/497/366>>.

Witter, G. P. 2002. *Produção Científica e estresse do professor*. Em M. Lipp (org.) *O stress do professo* (pp. 127-134). Campinas: Papirus.

Yin, Robert K. 2016. *Pesquisa qualitativa do início ao fim* [recurso eletrônico] / Robert K. Yin ; tradução: Daniel Bueno ; revisão técnica: Dirceu da Silva. – Porto Alegre.

Zagury, T. 2006. *O professor refém: para pais e professores entenderem por que fracassa a educação no Brasil*. Rio de Janeiro: Record.

Zaragoza, J. M. Esteve. 1999. *O Mal-estar Docente: a sala de aula e a saúde dos professores*. Bauru: EDUSC.